

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Ações educacionais e a construção de significados sobre um curta-metragem por alunos do ensino fundamental ¹

Júlia Munareto Leal²

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Resumo

O campo comunicacional se faz presente no educacional, de modo que a educomunicação se revele por meio de ações educativas marcadas por sistemas e processos comunicacionais, o que não poderia ser diferente diante da crescente inserção de aparatos midiáticos na sociedade em que estamos inseridos. Diante disso, busca-se aqui apresentar algumas significações construídas sobre alteridade, identidade e diferença, por alunos do terceiro ano de duas escolas públicas municipais de Santa Maria – RS, após a exibição do curta-metragem Leonel Pé-de-Vento, realizada nas apresentações de um Projeto Cultural, ocorridas em 2012. Os quatro entrevistados, dois de cada escola, responderam questões que abordam as temáticas por meio de entrevistas em profundidade, uma das etapas integrantes da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado, defendida em fevereiro de 2013.

Palavras-chave: Comunicação – Educação – Educomunicação – Identidade - Diferença

1. As possibilidades educacionais no audiovisual Leonel Pé-de-Vento

A educação com comunicação não é algo novo, já tendo sido anunciada na década de 60 por Paulo Freire “quando envolvido com questões de alfabetização, formação profissional e cidadania, afirmava que promover a educação é fazer comunicação” (CITELLI e COSTA, 2011, p.09). Tanto a educação quanto a comunicação fazem parte de todo o processo de existência dos seres humanos e não é apenas com a inserção no espaço escolar que se tem contato com a educação, como complementa Ribeiro

Esta compreensão está presente em Freire (2005) que nos demonstra que a educação é um fenômeno que se constrói no decorrer do processo histórico através das relações dos seres humanos entre si e com o mundo. Não há um momento em que os processos educativos se separam da própria vida vivida. Aprende-se vivendo. (RIBEIRO, 2011, P.04)

Sob este mesmo olhar cabe falar da comunicação: faz parte do convívio diário entre os seres durante toda sua existência, sendo fundamental para a relação e interação,

¹ Trabalho apresentado no GT 2 - Uso das Mídias e Tecnologias na Educação do II Encontro de Educomunicação da Região Sul. Ijuí/RS, 27 e 28 de junho de 2013.

² Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; graduada em Comunicação Social- Relações Públicas pela UFSM; e-mail: juliaml_rp@yahoo.com.br

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

proporcionadas no diálogo, troca de experiências, compartilhamento de visões. Neste sentido, dialoga-se com Ribeiro (2011, p. 05), quando o autor afirma que sendo a Educação um processo contínuo que nos revela como seres inacabados e a Comunicação algo que nos permite compartilhar experiências, são visíveis as possibilidades de construção de conhecimento unindo ambas, de forma coletiva, colaborativa e direcionada para a busca de uma sociedade cada vez mais justa.

Assim, destacam-se potencialidades frente a união da comunicação com a educação: com este entrosamento, é possível levar em conta os diferentes perfis dos sujeitos que integram um mesmo espaço, neste caso a escola, já que se passa a trabalhar com formas diversificadas de ensinar, dependendo dos tipos de ações comunicativas desenvolvidas. Diante desta perspectiva, é possível dialogar com Morin, que ao falar de uma aprendizagem cidadã, diz que “a educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão” (2010, p. 65). Ou seja, uma educação em que as pessoas tenham saberes valorizados e interesses contemplados.

Neste contexto, a educomunicação surge como uma interessante alternativa para escola, alunos, professores e para a educação como um todo. Nas palavras de Soares (2012³) a definição de educomunicação: consiste em um conjunto de ações inerentes ao planejamento e implementação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos nos espaços educativos. Entre suas vantagens destacam-se: a melhora do coeficiente comunicativo das ações educativas; ampliação da capacidade de expressão dos sujeitos sociais e midiáticos; desenvolvimento de um espírito crítico dos usuários dos meios e sistemas comunicativos; preocupação com o fenômeno comunicativo – artes, mídia, formas interativas.

Neste sentido, ao disponibilizar ferramentas de comunicação à educação, envolvendo estudantes em práticas comunicacionais, pode-se promover uma educação cidadã baseada no fazer conquistar espaços, sentir a inclusão, seja na comunidade ou na sociedade, a partir do momento em que fazem parte de um processo em que o foco não é no produto mas sim no aprendizado, desenvolvimento e conhecimento adquirido a

³ Conceito apresentado pelo professor em palestra realizada no I Encontro sobre Educomunicação da região Sul – EDUCOM Sul, realizado nos dias 24 e 25 de maio de 2012, na Universidade Federal de Santa Maria – RS.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

partir das atividades desenvolvidas. Dessa forma, pode-se dizer que a educomunicação entende a comunicação como vital, a partir do momento em que é ela que possibilita tal sentimento de pertencimento (SOARES, 2011).

Crê-se que uma forma de propor atividades educacionais no espaço escolar, seria a exibição de audiovisuais contendo enredos que abordem situações que problematizem importantes questões, como acontece no curta-metragem Leonel Pé-de-Vento⁴, objeto empírico deste estudo. A exibição do filme em escolas públicas municipais de Santa Maria – RS se dá através do projeto Vô Venâncio vai à Escola⁵, no qual o audiovisual tem grande importância como ferramenta de comunicação midiática, por carregar consigo potencialidades que contribuem tanto para a reflexão quanto para o conhecimento amplo do mundo.

Apresenta-se a visão de Fischer (2007), que vai ao encontro desta proposta de estudo, sobre o interesse em estudar imagens, pois ao considerar o sujeito que recebe as imagens, neste caso os alunos do ensino fundamental de escolas públicas municipais, espectadores de Leonel Pé-de-Vento, por exemplo, se abre um campo riquíssimo para estudos de diversas áreas do saber. Neste sentido, acredita-se que educação somada ao audiovisual, tem muito a acrescentar ao trabalho pedagógico escolar. Além disso, “emerge, hoje, mais do que nunca, a necessidade de complexificarmos nossas investigações a respeito do receptor que, na falta de um nome melhor, ainda assim é chamado” (FISCHER, 2002, p. 08). Aqui o público interesse das investigações é o

⁴ Leonel Pé-de-Vento é um curta-metragem em animação, 35 mm, com direção de Jair Giacomini. Foi viabilizado com financiamento do Concurso de Apoio à Produção de Obras Cinematográficas do Gênero Animação, promovido pelo Ministério da Cultura em 2004. A produção começou em 2005 e foi finalizada em 2006. A Co-produção é da Cartunaria Desenhos e Jair Giacomini. Entre os principais prêmios recebidos pelo filme, destacam-se: 3º Lugar - Melhor Animação Brasileira no Anima Mundi em 2007; Melhor Filme - Júri Popular no Santa Maria Vídeo e Cinema em 2007; Melhor Filme Brasileiro no Granimado Festival Brasileiro de Animação em 2006; Prêmio Unesco de Melhor Filme da América Latina e Caribe no Divercine em 2007. Por abordar questões como infância, amizade, escola, diferenças, preconceito, intolerância, bullying e discriminação, o filme apresenta aplicabilidades pedagógicas podendo ser trabalhado em escolas, no ensino fundamental e médio.

⁵ Aprovado na Lei de Incentivo a Cultura de Santa Maria – LIC / SM, em 2010, 2011 e 2012. O Projeto é uma iniciativa da empresa OPS! Comunicação e Eventos, situada em Santa Maria – RS. Contempla a contação de histórias por dois atores. Entre os seus principais objetivos destaca-se a valorização da escola como um espaço para iniciação cultural e para problematização de importantes e atuais questões; o exercício da cidadania; desafio à construção de novas relações entre os sujeitos e, incentivo à leitura. Através da contação de histórias e principalmente do audiovisual, busca-se colaborar com uma concepção de educação que possibilite às crianças o conhecimento e entendimento sobre as diferenças, atualmente constantes em uma sociedade plural.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

infantil. Isso por entender e enfatizar a afirmação de Girardello e Fantin (2009, p. 10) quando argumentam que os estudos sobre a presença das mídias na vida das crianças são cruciais para que se possa conhecê-las melhor, podendo assim subsidiar a formulação de políticas e projetos educacionais e culturais voltados às necessidades das infâncias brasileiras.

Neste contexto, é fundamental descrever a história de Leonel, um menino que nasceu “pé-de-vento” – caminha no ar sem nunca conseguir tocar os pés no chão e por este motivo vive isolado. Num clima meio realista, meio mágico, o filme aborda diversos temas, como a passagem da infância para a adolescência, a dor e a solidão causadas pelo preconceito na convivência com as diferenças. Já na primeira cena Leonel é observado com estranhamento por alguns alunos da escola enquanto caminha pelo ar. Os meninos, intolerantes com a diferença de Leonel o apedrejam com bodoques.

Ao chegar em casa, o menino é recebido pelos pais que percebem a agressão através de uma marca em sua testa. O pai imediatamente diz que pretende tomar providências em relação ao fato ocorrido, no entanto, a mãe de Leonel o adverte dizendo que não há como tomar atitudes contra todos os que forem se manifestar contra o filho e orienta o menino a não se aproximar dos meninos. Assim, fica evidente que os pais de Leonel o protegem achando que o melhor para ele é ficar isolado por isso, o menino não frequenta a escola nem convive com outras crianças. Acredita-se ser pertinente o questionamento: será que os pais de Leonel o reconhecem como sujeito ou apenas o enxergam através da diferença que ele possui?

Posteriormente, Leonel é procurado pelas curiosas meninas da escola que querem conhecer o “pé-de-vento”, entre elas, Mariana. Ao contrário dos demais, a menina se interessa pelo menino e enquanto os “piás” perseguem Leonel, ela busca conhecê-lo melhor com ajuda do seu avô Orlando, que encontra em sua biblioteca a explicação que Mariana tanto busca: o que é afinal um “pé-de-vento”? A partir dos esclarecimentos feitos pelo avô, Mariana compreende que apesar da diferença, Leonel é uma criança como outra qualquer e assim se aproxima dele, possibilitando a convivência, o conhecimento mútuo e o afeto. Nas cenas constata-se o reconhecimento do outro como sujeito na relação entre as duas crianças: a proximidade e o diálogo possibilitou a convivência entre ambos. Isso é apresentado através das brincadeiras entre

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Mariana, ao chão, e Leonel caminhando no alto. Ambos sorriem, interagem, se divertem, demonstram gostar um da companhia do outro.

Após sofrer tantos atos de intolerância e preconceito é possível pensar que neste novo contexto, o próprio Leonel passa a se reconhecer como sujeito. Percebe-se uma “recomposição do indivíduo, a criação do Sujeito como desejo e capacidade de combinar a ação instrumental e uma identidade cultural” (TOURAINÉ, 1997, p. 244). De acordo com o avô de Mariana, a incompreensão das pessoas em relação aos “pés-de-vento” os obrigou a viver longe do chão, a vida toda. Quanto mais preconceitos sofriam, mais alto subiam e assim se isolavam, acabando por viver longe de todas as outras pessoas. Porém, somente ao sentirem uma grande felicidade eles poderiam tocar os pés no chão. Mariana percebe que ao ser acolhido por sentimentos de pertença, Leonel se sentiria feliz, deixaria de ser “pé-de-vento” podendo viver e conviver normalmente com ela e com os demais.

Assim, ao ser reconhecido por Mariana e tendo descoberto os sentimentos bons que a companhia dela lhe proporcionava, Leonel deixa de levitar e na companhia dela desce ao solo. A cena em que Leonel toca os pés no chão, na companhia de Mariana, encerra o curta-metragem passando a mensagem de que ao encontrar o reconhecimento estavam neutralizadas as diferenças e sentimentos que o afastavam de uma vida normal em sociedade, sendo ele capaz de existir como sujeito.

2. Conhecendo algumas significações construídas sobre o audiovisual por meio das entrevistas em profundidade

As entrevistas em profundidade tiveram como objetivo aprofundar o debate sobre o curta-metragem, com a finalidade de conhecer e entender as significações e as percepções construídas sobre identidade e diferença por quatro alunos do terceiro ano do ensino fundamental, das duas turmas pesquisadas, uma na Escola Pôr do Sol e outra na Escola Renascer⁶. Por tratar-se de um recorte da dissertação de mestrado, apresenta-se aqui parte das respostas dos quatro entrevistados, seguidos da interpretação e análise realizada pela pesquisadora. Foi usado o método hermenêutico dialético para relacionar

⁶ Os nomes reais das escolas foram mantidos em sigilo, sendo apresentados neste artigo em forma de pseudônimos.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

as significações com o contexto em que situam-se as crianças, que neste caso é exclusivamente a escola⁷.

As entrevistas aconteceram na Escola Renascer, na sala dos professores, que estava vazia no momento, após uma nova exibição do filme. Primeiramente, Patrícia respondeu às perguntas e, depois, Pedro. Na Escola Pôr-do-Sol, as entrevistas ocorreram em uma sala de aula que estava desocupada, onde também ocorreu a nova exibição do curta-metragem. De início, Vitória foi entrevistada e, depois, Murilo⁸. O instrumento buscou obter, através de questões abertas, as significações construídas sobre diferentes eixos temáticos a partir do objeto midiático estudado, o curta-metragem Leonel Pé-de-Vento. A cada pergunta da entrevista, um tema específico foi abordado mantendo relação com o enredo e os personagens do filme. É perceptível que as respostas, em momentos em que a entrevista flui adquirindo um tom de conversa entre entrevistador e entrevistado, remetem a aspectos de outros temas.

Diante disso, para atribuir organização e clareza na apresentação dos dados coletados, apresenta-se os temas segmentados em eixos temáticos. Neste artigo serão apresentados três dos oito eixos temáticos elaborados na dissertação de mestrado. Optou-se pela apresentação parcial dos eixos em função da extensão do trabalho, o qual ficaria muito amplo se trouxesse na íntegra os temas abordados e as reflexões presentes em cada um deles. Houve o cuidado em apresentar as respostas de uma sequência de temas, portanto, será possível conhecer as significações construídas sobre os três primeiros eixos, os quais abordam temas semelhantes entre si, resultando em uma linha contínua de reflexão.

O primeiro eixo temático busca conhecer o que chama atenção das crianças no filme e como o curta-metragem faz com que lembrem a própria escola; o segundo tema, aborda a igualdade (semelhança) e diferença com os personagens do filme; o terceiro eixo diz respeito à igualdade (semelhança) ou diferença com o personagem Leonel Pé-de-Vento; o quarto tema pesquisado é igualdade (semelhança) e diferença na escola;

De maneira informal, as questões começaram a ser feitas, em um tom de

⁷ Os dados sobre as escolas foram levantados por meio de uma pesquisa documental que teve como fonte os Projetos Políticos Pedagógicos das Escolas, informativos institucional além de sites e blogs na internet e entrevista com equipe diretiva. A pesquisa foi anexada à dissertação de mestrado e contribuiu para que se pudesse conhecer o contexto em que as crianças entrevistadas estavam inseridas.

⁸ Os nomes dos entrevistados foram preservados e estão aqui apresentados sob a forma de pseudônimos.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

conversa, para que a criança ficasse mais a vontade possível. De início, as questões são mais abrangentes, com o 1º eixo temático, o qual se refere ao que mais chamou atenção no filme por lembrar a escola. Deve-se destacar que este eixo, quando abordado perante os alunos da Escola Renascer, teve outro direcionamento, focado na relação filme x escola por meio dos personagens, tratado detalhadamente a seguir, no segundo eixo temático.

Ao responderem as perguntas do 2º tema, igualdade (semelhança) e diferença com os personagens do filme, as crianças buscam pensar sobre os personagens e suas semelhanças entre si e os colegas da escola. Citam Leonel, Mariana, entre outros, e também se identificam no enredo. Pedro demonstra compreender a diferença entre os personagens, bem como a ausência de amigos por parte de Leonel. Deixa marcada a questão da diferença entre Leonel e Mariana pelo fato de um ser “pé-de-vento” e o outro não: “São diferentes, porque ela caminha no chão e ele caminha no céu. As outras crianças caminham no chão”. Essas diferenças, na opinião de Pedro, impossibilitam Leonel de exercer o direito de ir e vir: “Ele não ia à escola, não ia em nada [...] Porque ele tava lá no céu”. Ao ser questionado sobre a semelhança entre Leonel e algum conhecido, seja no jeito, atitudes ou situações que enfrenta, Pedro responde que não conhece ninguém que se pareça com o personagem.

Por sua vez, Patrícia destaca que alguns de seus conhecidos lembram personagens do filme: “A Mariana me lembra, porque eu tinha uma amiga chamada Mariana que era minha colega desde a creche”. Esta associação permite pensar que a semelhança encontrada pela menina está relacionada aos nomes, que são iguais entre a menina do filme e a amiga e ao forte vínculo de amizade “desde a creche”. Ao ser questionada se conhecia, na Escola, pessoas parecidas com Mariana, personagem caracterizada por ela como “bondosa, carinhosa, bem legal com as pessoas”, Patrícia começa a listar nomes de colegas e argumenta que além de serem “educados, eles sabem amar”. Ela relaciona a amizade, o cuidado, o carinho e a atenção de colegas e principalmente de Mariana em relação à Leonel Pé-de-Vento, com o sentimento de amor.

Ao ser questionado sobre uma possível semelhança entre si e algum personagem do filme, Pedro fica sem resposta, indeciso diz não saber com quem se parece. Por sua

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

vez, Patrícia, após pensar uns segundos, diz que se identifica com Joseane, personagem coadjuvante no curta-metragem. Patrícia descreve as poucas cenas em que a menina aparece e destaca um dos diálogos que a mesma teve com as outras meninas da escola: “ela falou se elas iam lá falar com o pé-de-vento”. A pesquisadora reafirma a informação em tom de questionamento “falar com o pé-de-vento?” e Patrícia, imediatamente, corrige: “não, olhar o pé-de-vento. E se assustaram”. Tal fato é evidenciado no curta-metragem, na cena em que as meninas escondem-se para espiar o menino, ao serem notadas por ele, correm com medo de Leonel. Patrícia identifica-se com Joseane, a menina que frequenta as aulas, brinca, convive com as colegas, mas que, se intimida e foge do desconhecido Leonel.

Na sequência, os entrevistados foram perguntados sobre quem, no filme, difere deles próprios. Pedro, novamente afirma não saber responder quem é diferente dele, da mesma forma que não soube identificar alguém semelhante. Mas, em outro momento da entrevista, ele responde sem hesitar que não se acha parecido com Leonel: “porque ele caminha no céu, eu caminho no chão”. A falta de identificação aqui se dá exclusivamente pelo fato do personagem não caminhar no mesmo espaço que ele. As demais afinidades como ser criança, um menino, ter uma família, são ignoradas pelo fator geográfico de não estarem no mesmo espaço, ou seja, pela diferença de Leonel.

O olhar lançado por Pedro é o de distanciamento entre si e Leonel. Apresenta-se a ideia de Skliar, quando afirma que

se voltamos o olhar – o nosso olhar –, existe, sobretudo, uma regulação e um controle que define para onde olhar, como olhamos *quem somos nós e quem são os outros* e, finalmente, como o nosso olhar acaba por sentenciar *como somos nós e como são os outros*. (2003, p. 71).

A forma de olhar de Pedro sentencia quem é esse Outro, considerando-o diferente dele, ignorando as semelhanças. Há um direcionamento nesse olhar, voltado para as diferenças apenas. Neste sentido, dialoga-se com Cunha (2010, p. 6), quando a autora anota que, “na maioria das vezes, as imagens homogeneízam modos de ser, definem o que as pessoas e as coisas devem ser e ao defini-las dentro de padrões, as diferenças não são contempladas, ao contrário, são excluídas”. A autora apresenta padrões como princesas, por exemplo, a Cinderela, e suas capacidades de falar às

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

crianças como modelos de beleza, postura, comportamento a ser seguido.

Do mesmo modo, os príncipes e super-heróis de histórias infantis ocupam este espaço, estando presentes no cotidiano infantil masculino, despertando admiração e encantamento, diferente de Leonel Pé-de-Vento que sofre preconceito e enfrenta situações de conflito. Neste contexto, Cunha (2010, p. 6) afirma que, de muitos modos, os personagens “modelos” agregam ou excluem meninos e meninas conforme as suas características e modos de ser, contribuindo através de sua discursividade visual, tanto para a formulação das identidades femininas e masculinas, quanto para os imaginários infantis.

Ao falar sobre semelhança e identificação, Patrícia afirma, após refletir, que não se parece com Daniela: “ela tem um jeito que... ela pergunta... ela que falou assim para as amigas, falou estranho, aonde que a amiga ia, mas a amiga não respondeu porque ela fica só perguntando”. A menina parece diferenciar de si o outro que é inseguro, perturbador, questionador, sentenciando a diferença entre ambas por meio do *como* ela (Patrícia) é, e o *como* é Daniela.

Quando questionada sobre a sua semelhança com algum personagem, Vitória afirma rapidamente que não se acha parecida com ninguém. Tal pergunta tem objetivo de identificar como a menina percebe a sua própria identidade a partir dos personagens do objeto midiático, numa perspectiva em que existem múltiplas formas de aproximação, “cada um encontra nos diferentes produtos televisivos alguma possibilidade de afirmar: ‘Eu estou ali’, ‘aquilo me toca’, ‘eu sou bem parecido com aquela pessoa’” (FISCHER, 2008, p. 6). Neste caso, se trata de um curta-metragem que assim como os produtos televisivos permite tais associações, portanto, tais possibilidades também se fazem presentes. Dos personagens do curta-metragem, Mariana lembra uma ex-colega de Vitória, não por serem semelhantes, mas por terem o mesmo nome, por isso, Vitória diz que quando vê o filme lembra a amiga.

Em relação a falta de semelhança com algum personagem, Vitória confirma que “não se parece com todos”. Em outro termos, ela considera que difere dos personagens do filme. A pesquisadora destaca novamente que está falando sobre semelhanças em atitudes e gostos e não semelhanças físicas, num anseio de “encontrar sentidos além da aparência, um desafio para o pesquisador” (FANTIN, 2011). Vitória mostra-se inquieta,

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

mexe-se na cadeira, bate a mão na classe. Após alguns momentos, a menina responde que se parece “com aquela que tem um narizinho assim...”. Percebe-se que busca semelhanças físicas entre si e os personagens. Há então um novo direcionamento da pesquisadora, sobre a existência de semelhanças entre seus gostos e maneira de agir. A menina reflete e diz que gosta de andar de perna-de-pau, referindo-se a cena em que Mariana brinca com tal objeto, encontrando, assim, uma semelhança entre elas.

Além da brincadeira citada, Vitória reafirma não haver mais nada que a aproxime da personagem. Então, é feita a pergunta sobre a sua semelhança com Leonel e ela afirma rapidamente que não há nada de parecido. Aproveitando o surgimento do protagonista na conversa, a menina é questionada como é Leonel, se ela acha que Leonel é igual ou diferente das outras crianças. Vitória responde rapidamente: “é diferente, porque eles não são nada, são só amigos”. Mais uma vez a resposta dá a entender que características físicas estão sendo observadas quando enfatiza que é diferente por não “ser nada” que pode representar o fato de não serem parentes, “são só amigos”. Novamente a pesquisadora provoca: “Mas e no jeito, ele é como as outras crianças?” Vitória: “Também é diferente porque eles não são nada, só são amigos”.

Neste momento, Vitória foge das perguntas, distrai-se e faz questionamentos sobre a casa da pesquisadora, onde fica, quantos andares tem o apartamento. Posteriormente, diz que mora em um bairro longe da escola e que não gosta de ir até lá após a aula, pois tem que atravessar um campo onde um homem foi morto. Em vários momentos da entrevista, ela menciona o receio pelo campo que tem que passar sozinha para chegar a casa, o que foi comunicado posteriormente à vice-diretora da escola, num anseio de que tal informação seja repassada aos pais da menina. A resposta da direção é que Vitória mencionou que trocaria novamente de escola no ano letivo de 2013, passando a estudar mais próximo de sua casa.

O entrevistado Murilo também responde sobre o segundo tema da entrevista. Ele nega qualquer possível semelhança entre os personagens do curta-metragem e algum colega da turma, segundo ele nenhum se parece com seus colegas. Sobre a semelhança entre gostos e jeito com algum personagem, Murilo nega novamente. Aproveitando que o diálogo entre pesquisador e entrevistado fluiu um pouco mais, são retomadas algumas perguntas já feitas. Remetendo outra vez sobre identificação e diferença com o curta-

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

metragem e seus personagens, a criança fala novamente que não se parece nem difere de nenhum deles.

Ao comparar as atitudes de Mariana quando se tornou amiga de Leonel com as dos outros meninos do filme, Murilo diz que acha que os meninos não foram legais, ela foi. Pesq.: “Você se identifica mais, no jeito de ser, nas atitudes, no comportamento, com Mariana, com os meninos ou com Leonel?” Murilo pensa em silêncio e diz que não sabe. Ao ser interpelado sobre se achar parecido com Leonel, ele nega: “Não. Porque ele não encosta os pés no chão e eu encosto”. A pesquisadora provoca: “Só por isso vocês são diferentes? Ele é menino e você também é, tem pai e mãe, gosta de brincar... Conhece alguém assim?” O aluno nega novamente.

Já em sua visão, a semelhança existe entre ele e Mariana, que gosta de conversar, tem amigos e é amiga de Leonel, mesmo sendo de um gênero oposto ao seu: “Sim... Sou conversador, legal, gosto de brincar...”. Não há possibilidade de semelhança com Leonel, o menino que é quieto e não brinca por ser diferente. Porém, com Mariana, Nesse momento, dialoga-se com Skliar

Há um outro que nos é próximo, que parece ser compreensível para nós, previsível, maleável etc. E há um outro que nos é distante, que parece ser incompreensível, imprevisível [...]. Assim entendido, o outro pode ser pensado sempre como exterioridade, como alguma coisa que eu não sou, que nós não somos. (SKLIAR, 2003, p. 27).

Para a abordagem do 3º tema que trata da semelhança ou diferença com o personagem Leonel Pé-de-Vento, são recuperados aspectos do filme que dizem respeito a questão da diferença do protagonista. Pedro, em poucas palavras, confirma que Leonel é diferente, porque caminha no céu e não ia à escola. Aqui se faz presente a questão do pertencimento remetendo a pessoas que frequentam um mesmo território. Por sua vez, Patrícia recorre a outros elementos complementares para explicar porque acha Leonel diferente dos demais: “Não era igual. Porque ele é um menino assim, que é bem educado, ele não tem bodoque pra atirar pedra nos outros, é bem carinhoso com as pessoas, ele dá risada, né? Ele gosta muito das pessoas, brinca com as pessoas”. Neste caso, acredita-se que Patrícia compara exclusivamente o comportamento de Leonel com os dos meninos e meninas que, em várias cenas do filme, o agrediam. Estabelece uma ligação entre a diferença e o comportamento, modo de agir que, na visão dela, é

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

amoroso, afetivo, alegre, civilizado, ou seja, diferente de Pedro, ela não toma o “pé-de-vento” como traço identitário de Leonel. Reforça o que entende por Leonel ser diferente: “Porque ele é educado”. A partir desta resposta, a pesquisadora relembra que Patrícia comentou que Mariana também era educada. Questionada se, neste caso, Mariana e Leonel são iguais ou diferentes, ela responde com convicção que “são iguais”. Ao comparar Leonel com Mariana, a criança compreende que eles são simultaneamente iguais e diferentes. Diferentes em termos de gênero e iguais no comportamento, nos valores, no jeito de ser.

Diante da afirmação da diferença de Leonel em relação aos demais, as crianças são desafiadas a pensar se conhecem alguém que seja parecido com o Leonel do filme. Pedro diz não saber e justifica a resposta falando que trocou de sala, pois tinha um colega que incomodava muito. Após esta resposta, foi questionado se havia alguma semelhança entre este colega e Leonel. Pedro então responde: “não, porque ele gosta de estudar e o Leonel não”. A pesquisadora indaga “Do que Leonel gostava?” e Pedro responde “de ficar em cima das árvores, porque ele não tinha nada pra fazer, não podia brincar com os amigos”. Ao ser perguntado sobre o porquê de o personagem não poder brincar, ele responde que se deve ao fato de morar no céu. Aqui é evidenciado o pertencimento ligado à territorialidade e à amizade.

É possível pensar que Pedro reforça a diferença do personagem, argumentando ser ela o que o afasta dos demais e impedia-o de desfrutar de brincadeiras e amizades “não tinha nada” “não podia”. Fazendo alusão ao processo de estereotipia, pode-se pensar que Pedro concorda com a imagem pré-concebida por alguns personagens do filme, pois apresenta a diferença como algo naturalizado e pertencente ao protagonista: Leonel é somente um pé-de-vento, o que é reforçado quando ele (Pedro) afirma que ele não gosta de ir a escola, fato que não aparece em momento algum no filme. Reproduz-se, pois, “o modelo da identidade pela diferença, impedindo que seja possível reconhecer no Outro a sua singularidade” (SCHAUN, 2009, p. 178). Expresso de outra forma, Pedro entende que Leonel não pode desempenhar certas funções como os demais já que é diferente, vive isolado. Ao contrário do menino que ele afirma ser o diferente entre seus colegas e que gosta de estudar. Pode-se pensar, aqui, que a significação construída por Pedro diante de tal fato acaba por reduzir, naturalizar a diferença que

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

afasta os sujeitos já que não percebe possibilidades de aproximação e convivência entre o personagem e os demais.

Patrícia é sucinta e mostra-se um pouco dispersa ao responder se conhece alguém que seja semelhante a Leonel, seja na escola, no bairro ou em casa. Diz que não conhece ninguém que se pareça com Leonel, ou que sofra situações de intolerância, solidão, como acontece com o personagem. Diz que seus colegas não se parecem com as crianças do filme porque conversam em aula, fazem fofocas para a professora e discutem. Vitória, aluna da escola Pôr-do-Sol, quando questionada, afirma que Leonel é diferente no jeito de ser “ele não faz as mesmas coisas que as outras fazem. Uma anda de perna de pau ele não anda”. A pesquisadora insiste e indaga se há mais alguma coisa, além disso, que defina a diferença em Leonel, mas ela encerra: “Só isso”.

Ao contrário das outras crianças, ela volta a reforçar a diferença comportamental e não física. Posteriormente a indagação é sobre ter alguém na escola que ela julgue ser semelhante a Leonel. A menina diz que não quer responder, que não lembra, questiona quantas perguntas faltam. Ela permanece agitada, arrasta a cadeira, apoia-se na mesa, pede para ver o bloco de perguntas da pesquisadora. Perguntou onde a pesquisadora havia levado os desenhos que produziram na etapa anterior das entrevistas e por que estava fazendo a entrevista. A pesquisadora explica: “Porque faz parte do meu trabalho, eu estou estudando, fazendo pesquisas, futuramente quero ser professora...” Vitória pergunta: “Tu quer se professora?” Após a resposta positiva, a menina afirma que também quer ser, mas não em sua escola: “quero ser ali no Colégio Bem-me-quer⁹, porque eu gosto, acho bonito”. A pesquisadora então pergunta se ela gostaria de estudar lá e ela afirma que sim, mas que não estuda porque não sabe se lá tem “série” para ela. Sobre o antigo colégio e a troca para a escola Pôr-do-Sol, Vitória fala que foi estudar em outra escola:

Porque eu batia nos colegas, porque eles gostavam de incomodar os outros aí eu batia neles... Eu sempre bati neles, eles gostam de apanhar. Eles não gostam que a gente bata neles, depois eles querem bater na gente (Vitória, aluna do terceiro ano da escola Pôr-do-Sol).

A menina conta que batia em meninos ou meninas, “pequenos, da minha turma e

⁹ O verdadeiro nome da escola foi mantido em sigilo através de pseudônimo. Vitória refere-se a uma escola particular, tradicional, pertencente a uma congregação de freiras e localizada no centro da cidade em um grande prédio. A escola é frequentada por alunos com alto poder aquisitivo.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

das outras [...] na hora do recreio, dava chute, jogava pedras.” A pesquisadora estabelece relação entre a atitude da criança e o filme: “Jogava pedras? Você fazia como no Leonel?” A menina diz que sim e ao ser interpelada sobre como se sentiam as crianças diante da agressão, responde que se sentiam tristes, assim como Leonel. A pesquisadora busca entender como Vitória enxerga os seus atos de agressão aos colegas e indaga o que ela acha dessa atitude: “Eu acho ruim. Eu parei”. Há nova pergunta, sobre se ela parou de bater (na nova escola) porque o pessoal é legal, mas ela nega e diz que o pessoal é ruim, com exceção da diretora. Desconversa, falando que a mãe vai comprar um vestido para ela¹⁰. A pesquisadora, na sequência, indaga: “E quando você brigava com os colegas, o que acontecia?” Vitória diz: “Eles contavam pra diretora e eu ficava de castigo, depois eu ia pra sala, mas todo o recreio eu ficava de castigo, era muito ruim”.

Segundo a direção da Escola Pôr do Sol, Vitória não manifestou tais atitudes com os novos colegas mas, a professora da turma da menina, passou observar o comportamento das crianças em relação a ela e vice-versa. Segundo a professora, com a chegada de Vitória e com as primeiras manifestações de desentendimentos entre os alunos e a menina, ela preocupou-se em salientar à turma do terceiro ano que não seria por ela tolerado nenhum tipo de briga entre eles: Vitória seria respeitada na Escola e respeitaria seus novos colegas.

Tal atitude vai ao encontro da filosofia adotada pela Escola Pôr do Sol, presente em seu Projeto Político Pedagógico no item ‘inclusão’, que contempla a escola como um espaço para todos, com a presença marcante da heterogeneidade que revela princípios, atitudes, culturas e formação diferenciadas, criando as relações interpessoais que tanto enriquecem e contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem e aquisição de cultura entre professores e alunos. No Projeto Político Pedagógico da escola há a afirmação de que a escola não apresenta casos graves de bullying mas mesmo assim houve a preocupação em desenvolver ações que contribuíssem para eliminar os casos existentes e prevenir possíveis futuras situações. Possivelmente, se estas medidas iniciais não fossem desenvolvidas pela professora, a situação poderia ter

¹⁰ Vitória refere-se a um vestido tradicionalista, de prenda, que está sendo vendido por uma das professoras da escola. Há um cartaz no mural da escola com a informação.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

se agravado, ocasionando situações de conflito entre Vitória e os colegas. Sabe-se que não existem mais agressões, como ela mesma afirma, no entanto, percebe-se que quando menciona a Escola, colegas e professora, a criança utiliza denominações negativas.

Após mencionar essas questões, a aluna pede para encerrar a entrevista e tem a sua vontade respeitada pela pesquisadora. Também se pode pensar que ela não quis mais falar sobre o assunto que estava sendo abordado naquele momento, por sentir-se incomodada, já que o fato resultou em sua troca de escola no meio do ano letivo. O encerramento da entrevista é uma forma de manifestar respeito pela criança, deixando a seu critério a vontade de falar ou não. Diante do fato, cabe expor o questionamento: há existência de políticas públicas que contemplam o acompanhamento escolar e familiar das crianças que enfrentam problemas de socialização ou a alternativa resume-se a trocar de escola, reforçando o estereótipo de aluno problema?

A pesquisa documental feita na Escola Pôr-do-Sol possibilitou conhecer algumas de suas formas de solucionar conflitos, as quais realmente demonstram preocupação em resolver problemas dos alunos por meio do diálogo, envolvendo os pais sempre que possível e, em outras situações, abrangendo a comunidade escolar, como no caso das ações anti-*bullying* realizadas na escola. Há também o encaminhamento de alunos com dificuldades ou problemas diversos ao PRAEN (órgão municipal de apoio), levados pelos pais mediante parecer da escola. No entanto, esta ação acontece em casos extremos, como a falta de desenvolvimento do aprendizado ou o sofrimento de algum tipo de violência em casa.

A conversa com Murilo sobre a semelhança e a diferença de Leonel surge a partir de outras temáticas e começa falando da possibilidade de Leonel frequentar as aulas, o que Murilo diz não ser possível, pois ele não bota os pés no chão. A pesquisadora comenta: “E no fim do filme, o que acontece com Leonel?” O menino responde que ele bota os pés no chão. Sendo abordada a possibilidade de ele poder ir à escola, Murilo diz que “Pode, porque agora ele está caminhando e só”. Argumenta que frequentando a escola, Leonel estaria igual às outras crianças e concorda quando a pesquisadora coloca a possibilidade de todos serem amigos dele no momento em que ele colocou os pés no chão. Murilo destaca que gosta do fim do filme “quando ele botou

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

os pés no chão e ia poder brincar com todo mundo... pular corda.” O menino é questionado se antes não haveria formas de Leonel brincar, mas nega tal possibilidade e complementa falando não saber o que Leonel podia fazer enquanto era um “pé-de-vento”.

Entende-se, aqui, que a inclusão de Leonel só é possível a partir de seu enquadramento na mesmidade, que, no caso, é frequentar a escola e brincar juntos, sendo o excluído um produto da impossibilidade de integração (SKLIAR, 2003, p. 93). Além disso, o olhar de Murilo está fixo em apenas um contexto, o escolar, algo próximo de sua realidade imediata. Para ele, estar com os pés no chão é inclusão, é ser igual às outras crianças, é ir à escola, o que é natural ao levar em conta a faixa etária do aluno.

Mas, sabe-se que muitas situações que incluem por um lado, excluem por outro, fazendo com que “ninguém parece estar completamente incluído, ninguém parece estar totalmente excluído” (SKLIAR, 2003, p. 95). A possibilidade de crianças, como Leonel Pé-de-Vento, passarem um dia a fazer parte de uma classe escolar carrega essas questões, assim como a situação de Vitória, colega de Murilo: a troca de escola representa, ao mesmo tempo, a exclusão de um contexto anterior, já que ela é afastada da turma, professores e amigos que, certamente, havia construído, mas representa em partes a inclusão ao ser recebida em outra escola. No entanto, o fato de ser aceita não significa estar inserida pacificamente em um novo espaço de sociabilidade, perante novos colegas. Prova disso são as respostas de Vitória quando questionada sobre gostar da nova escola e sobre como acha que é vista pelos colegas.

Nas falas da menina estão implícitas dificuldade de aceitar a mudança e a sujeição a um sistema que ela não consegue adaptar-se. Em outros termos, será que a identidade de Vitória, e isso envolve seu modo de ser, suas características e seu comportamento, será um dia separada dos fatos que envolvem sua troca de escola? Relacionando com o curta-metragem, cabe pensar: será que Leonel, se incluído no contexto escolar como propõe Pedro e Murilo, deixará de ser o “pé-de-vento” passando a ser apenas Leonel? Tais questionamentos provocam reflexões que, ao mesmo tempo, fazem pensar, convidam a estabelecer um outro olhar perante a questão da inclusão das diferenças.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo constituiu-se na apresentação de um processo que aproximou os campos da comunicação e da educação, com vistas aos importantes temas da identidade, diferença e alteridade. Tais conceitos foram abordados por meio da relação existente e das possíveis formas que podem dialogar entre si, bem como a importância de serem associados ao contexto escolar, um espaço de convivência entre múltiplos sujeitos e culturas, em que se realiza a pesquisa empírica. Ao introduzir o conceito “educomunicação” o artigo expõe algumas definições que contribuem para afirmar o pressuposto de que a comunicação, quando trabalhada no contexto educacional, atua no sentido democrático e inclusivo dos sujeitos e da comunidade escolar. Por meio de um objeto midiático na escola é possível a problematização de importantes assuntos às crianças, alunas das séries iniciais, de maneira lúdica e ficcional, neste espaço público que reúne sujeitos tão plurais. Leonel Pé-de-Vento é uma importante ferramenta de comunicação midiática que aborda questões como discriminação, preconceito, amizade, afeto, *bullying*, intolerância e diferenças, possíveis e fundamentais de serem trabalhadas na formação de sujeitos em séries iniciais. A partir disso, desconfigura-se a reprodução do mesmo, resultando na desconstrução da constituição de identidades socialmente desejáveis ou aceitáveis.

Assim posto, após a exibição do filme, com as entrevistas em profundidade, foi contemplado, primeiramente, o que chamou atenção das crianças no filme e como o curta-metragem fez com que lembrassem a própria escola; segundo: igualdade (semelhança) e diferença com os personagens do filme; o terceiro eixo diz respeito à igualdade (semelhança) ou diferença com o personagem Leonel Pé-de-Vento. As significações construídas sobre Leonel Pé-de-Vento permitiram identificar a relação dos alunos com ambiente escolar, colegas, família, identidade e diferenças, além de outras questões suscitadas por eles próprios em momentos aleatórios da entrevista.

Percebeu-se que o fato de Leonel ser um Pé-de-Vento foi associado, em grande parte das repostas dos entrevistados, ao lúdico e ficcional, na maioria das vezes não tendo sido estabelecida conexão com a problemática da diferença, comum entre sujeitos. Isso pode ser justificado em função do estilo do curta-metragem, no qual as problemáticas fazem-se presentes por trás do enredo em que figura um menino que voa, que vive no céu, o que chama mais atenção das crianças até mesmo em função de suas faixas etárias. A utilização de um objeto midiático como o audiovisual em séries iniciais, independente

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

das importantes questões que expõe, necessita, para que resulte em algo educativo, de um posterior debate em sala de aula para que as devidas apropriações possam ser realizadas pelas crianças alunas das séries iniciais.

Por outro lado, sensibilizam-se com o reconhecimento da alteridade quando em suas falas elogiam o personagem de Mariana, afirmando que ela é importante nos contextos em que está inserida. Alguns dos entrevistados projetam a si próprios indicando semelhanças entre suas identidades e a protagonista. Em relação à identificação com Leonel, os entrevistados são enfáticos ao afirmarem que não se parecem com o menino, pois, na maioria de suas autorrepresentações, descrevem-se como pessoas do bem, que gostam de estudar, têm amigos, convivem harmoniosamente na escola, elementos que não observam no protagonista que não vai a escola, não age como os demais e enfrenta situações de conflito.

Referências bibliográficas

CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, juventude e educação: modos de construir o “outro” na cultura**. Revista Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, v.16, n.2, jan. 2008. Disponível em: <<http://epaa.asu.edu/ojs/article/view/27/868>>. Acesso em: 15 dez. 2012. 113

GIRARDELLO, Gilka; FANTIN, Monica. (Org.). **Práticas Culturais e Consumo de Mídia entre Crianças**. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2009.

_____. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, v.12, n.35 maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

RIBEIRO, Fernanda Pereira. **Mídia do Oprimido e os Meios de Comunicados: teorias do educador Paulo Freire aplicadas ao campo da comunicação**. In: Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Rio de Janeiro, 7 a 9 de maio de 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**. Palestra ministrada no I Educom Sul - Encontro de Educomunicação da Região Sul, UFSM, 24 e 25 maio 2012.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

_____. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SCHAUN, Ângela. **Inclusão Cultural e Mídia:** um olhar. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias. XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP13SC HAUN.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2011.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença.** E se o outro não estivesse aí? Tradução de Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TOURAINÉ, Alain. **Iguais e Diferentes:** Poderemos Viver Juntos. Lisboa: Piaget, 1997.